

VAI TER MOSCA NA SOPA!

Thelma Lucchese Cheung

Marília Moraes

Josieli de Sousa

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

thelma.lucchese@gmail.com

INTRODUÇÃO

Desde 2003, a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) defende que os insetos podem representar uma fonte alternativa de nutrientes e de proteína de alta qualidade para seres humanos. As justificativas para o estímulo à entomofagia são a necessidade de mudança de hábitos de consumo para garantir segurança alimentar da população mundial, além de vantagens ambientais e sociais dessa produção.

Como vantagens ambientais, destacam-se a taxa eficiente de conversão alimentar, a menor quantidade de gases de efeito estufa produzido, a pouca exigência quanto à ração alimentar, o baixo consumo de água e a não dependência de áreas extensas para criação. Quanto às vantagens sociais, destacam-se a estratégia de diversificação de produção para a agricultura familiar e a oportunidade como ação empreendedora (FAO, 2013). Porém, embora insetos sejam consumidos por grupos populacionais na Ásia, África e na América Latina, sabe-se que o tabu alimentar é determinante à não ingestão entre ocidentais (COSTA NETO, 2014). Pensando no caso do Brasil, quais seriam as percepções dos consumidores em relação a essa nova prática de consumo? Para responder, parcialmente, a essa questão pessoas de Campo Grande, MS, foram entrevistadas.

OBJETIVOS

Mostrar, por meio de análises de similitude, as representações mentais de consumidores de Campo Grande/MS sobre o consumo de insetos.

MATERIAL E MÉTODOS

Em amostra não probabilística, por conveniência, 130 pessoas foram entrevistadas, em um mesmo ambiente de trabalho. Pretendeu-se observar comportamentos e suas relações sociais em contexto semelhante (MATTAR, 2008). As pessoas responderam um conjunto de perguntas sobre as maneiras que os insetos poderiam ser incorporados em seus hábitos alimentares. Modos de preparo, partes do corpo aceitas e outras rejeitadas, sensações de se imaginar consumindo e percepções do inseto enquanto proteína consumível representaram, de modo geral, os temas do questionário composto por 46 questões abertas e fechadas.

Para o tratamento das questões abertas, uma análise de similitude foi realizada. A frequência das palavras mencionadas, a ordem de citação e a conexão entre as palavras mais representativas dos elementos de significação de suas crenças, normas sociais foram reveladas através da análise (CAMARGO & JUSTO, 2013). As chamadas árvores provindas da análise de similitude devem

ser entendidas como a organização das representações mentais (WACHTELKE, 2007). Todo o tratamento através dessa análise foi realizado pelo software livre IRAMUTEQ.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pouco à vontade em pensar esse consumo inovador, os indivíduos manifestaram mais atitudes negativas, respondendo às perguntas. O elemento central da árvore foi o “não”. Eixo organizador da representação dos indivíduos, ficou ligado a dúvidas sobre a questão nutricional, a não fazer parte da cultura alimentar brasileira a ser estranho enquanto alimento. As referências do “pensar” ou “considerar” são justificadas como opção para quem tem “fome”.

Embora declararam que é difícil pensar sobre a textura, o sabor e a experiência de ingeri-los, “frito” aparece como a possível alternativa para o consumo de partes do corpo como “cabeça” e “patas”. Por outro lado, “farinha”, “crocante” e “seco” são palavras que explicam uma atitude menos repulsiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dificuldade em categorizar inseto como comida faz com que as pessoas percebam essa atitude inovadora como algo estranho, ruim e nojento. Como os insetos não são comumente consumidos por sociedades ocidentais, acabam sendo considerados como alimento de outras culturas ou como alternativa para matar a fome. As questões ambientais, de nutrição e sociais ligadas à produção, defendidas pela FAO, não apareceram como possíveis justificativas à ingestão. Assim, aos agentes dos poderes público e privado, interessados em promover a produção e o consumo,

